

Livros didáticos de língua portuguesa para o ensino básico

Maria Inês Batista Campos

maricamp@usp.br

24/09/2013

Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC

– Ilhéus-Bahia

Objetivos

Compreender o livro didático como um gênero do discurso;

Estabelecer relações entre seus três principais interlocutores: documentos oficiais (orientações curriculares, guia do livro didático de língua portuguesa); alunos e professores;

Analisar as propostas didáticas de produção argumentativa do ensino médio;

Avaliar os critérios que precisam ser articulados para a seleção do livro didático de português.



De que maneira a teoria dos gêneros do discurso se transformou em objeto de ensino nos livros didáticos de língua portuguesa?

Documentos oficiais para o LDP

**Documentos
oficiais**

**PCN, Brasil-1998,
p.32.**

**Objetivo geral do
ensino de língua
materna:**

PCN (Brasil, 1998)

Objetivo geral do ensino de língua materna:

“**utilizar a linguagem** na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso”.

PCN (Brasil, 1998)

Chama para duas vertentes:

1. “Ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero, quanto das particularidades do texto selecionado” (BRASIL, 1998, p.48).
2. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. [...] (BRASIL, 1998, p. 23).

Concepção do livro didático de português como gênero do discurso

Objeto cultural de investigação multifacetado;

Natureza discursiva;

Usos realizados pelo professores;

Funções pedagógicas, econômicas, sociais e políticas, etc.

LDP é “um enunciado do gênero do discurso que sistematiza e organiza os objetos de ensino negociados pelos autores e editores para satisfazer as necessidades de ensino-aprendizagem formal da língua portuguesa no Brasil”.

(Bunzen, 2007, p.80. In. I. Signorini (Org.). *Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

LDP como gênero do discurso

Batista afirma:

“O livro didático desenvolve um importante papel no quadro mais amplo da cultura brasileira, das práticas de letramento e do campo da produção editorial e compreende, conseqüentemente, diferentes dimensões de nossa cultura, de suas relações com a escrita e com o letramento”. (Batista. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos.

In: M.Abreu (Org.) *Leitura, história e história da leitura*.
Campinas: Mercado de Letras, 1999, p. 534.)

Documentos oficiais para o LDP

Documentos
oficiais

PCN+

OCEM

PNLD

Guia do Livro
Didático de Língua
Portuguesa

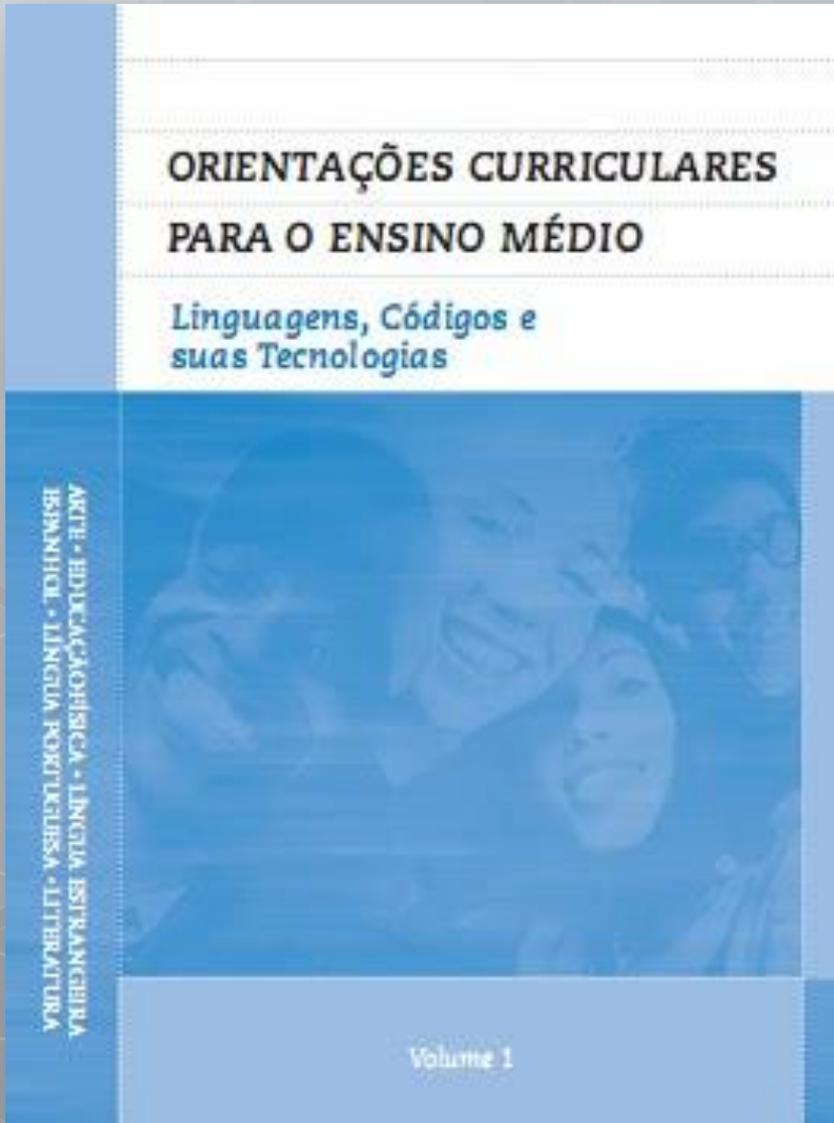
Documentos oficiais de língua portuguesa

PCN+
Ensino Médio
Orientações Educacionais Complementares
aos Parâmetros Curriculares Nacionais

**Linguagens, Códigos
e suas Tecnologias**

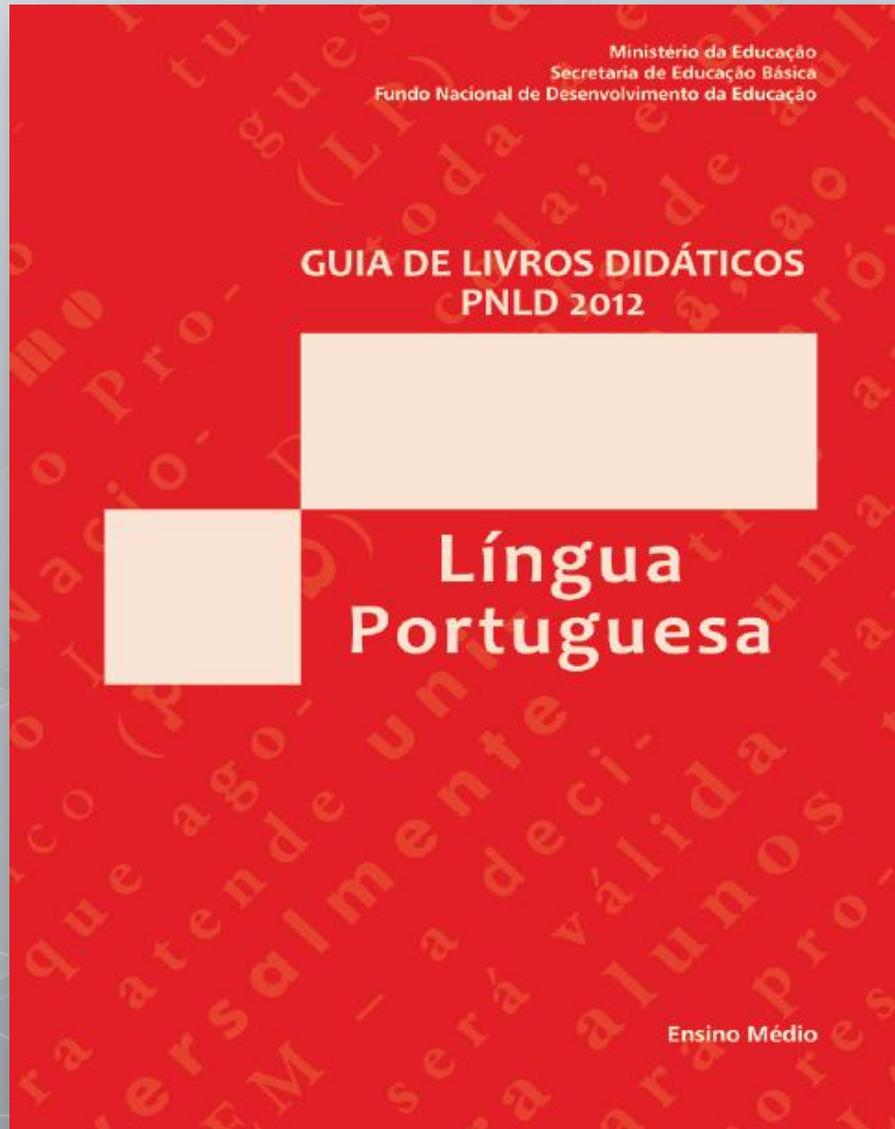
*PCN+ – Orientações Educacionais
Complementares aos Parâmetros
Curriculares Nacionais, 2002.*

Documentos oficiais de língua portuguesa



*Orientações Curriculares para o
Ensino Médio, 2006.*

Critérios estabelecidos para a escolha de uma coleção de português



A. Abordagem teórico-metodológica assumida pela coleção,

B. Adequação da coleção à linha pedagógica declarada, Manual do professor,

C. Correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos,

D. Respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas ao ensino médio e observância de princípios éticos e democráticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social,

E. Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da coleção.

(BRASIL, 2011, p. 82-99)

Livro didático como gênero do discurso

Livres Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (1810 a 2005)

Projeto
EDUCAÇÃO E MEMÓRIA - organização de acervos de livros didáticos

O Banco de Dados LIVRES disponibiliza pela Internet o acesso à produção das diversas disciplinas escolares brasileiras desde o século XIX até os dias atuais e, fornece referenciais e fontes, por intermédio da recuperação de obras e coleta de documentos sobre a produção didática, legislação, programas curriculares, catálogos de editoras, etc. A organização do Banco de Dados LIVRES se insere no projeto temático "Educação e Memória: organização de acervos de livros didáticos", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no Centro de Memória da Educação Escolar, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME). A organização do LIVRES caracteriza-se por ser alimentado e ampliado constantemente pelas pesquisas de uma equipe de especialistas da área, que analisam o livro didático em suas diferentes vertentes: conteúdos das diversas disciplinas, processo de produção e história das editoras, memória e usos dos livros em salas de aula. Trata-se de um projeto de pesquisa que tem se desenvolvido no CME com apoio da Biblioteca da FEUSP e convênios internacionais, visando intercâmbios para estudos comparados e acompanhamento das pesquisas em outras instituições.

Compreendendo Ciências
Demétrio Guedes
Pitty Vassoler
1
materiais e objetos
seres vivos
higiene e saúde

FEUSP Faculdade de Educação da USP
USP Universidade de São Paulo

20:07

O discurso no romance (1934-35)

O ensino de disciplinas verbais conhece duas modalidades básicas escolares da transmissão que assimila o de outrem (do texto, das regras, dos exemplos): “de cor” e “com suas próprias palavras”. Essa última modalidade coloca em pequena escala um problema puramente estilístico para a prosa literária: relatar um texto com nossas próprias palavras é, até um certo ponto, fazer um relato bivocal das palavras de outrem [...].

Essa segunda modalidade de **transmissão escolar** da palavra de outrem “com nossas próprias palavras” inclui toda uma série de variantes da transmissão que assimila a palavra de outrem em relação ao caráter do texto assimilado e dos objetivos pedagógicos de sua compreensão e apreciação.

BAKHTIN, M. A pessoa que fala no romance.

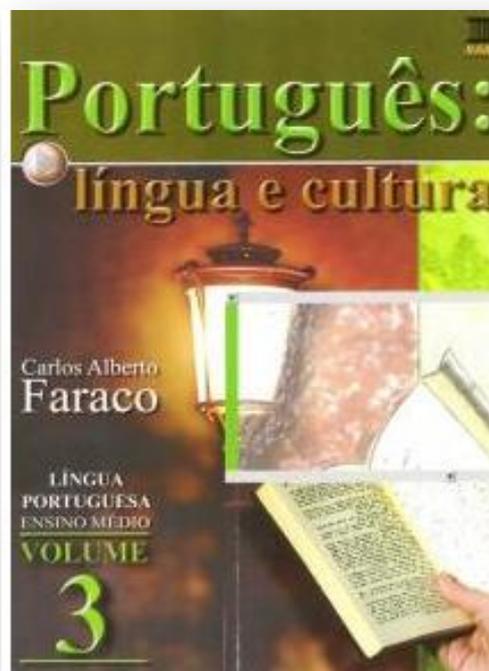
In: *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: 1998[1934-35], p. 142.

Critérios de seleção

- Livros didáticos avaliados e aprovados no *PNLD 2012*.
- Editorial como produção escrita.



Língua portuguesa: linguagem e interação (Livro do professor), de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior. São Paulo: Ática, 2011, p. 320-321.



Português: língua e cultura (Livro do professor), de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Base Editora, 2010, p. 382-397.

Língua Portuguesa Linguagem e Interação

Manual do Professor

Faraco • Moura • Maruxo Jr.

volume 1
ENSINO MÉDIO

Material de
divulgação da
Editora Ática

Código da coleção
25111COL01

ea
editora ática

Resenha PNLD 2012

A coleção orienta a produção de textos segundo os modos e esquemas de organização do discurso: relatar/narrar, descrever, expor/explicar, argumentar [...].

As atividades contemplam as diferentes etapas do processo de produção, com indicações claras sobre o planejamento, a escrita, a revisão e a reformulação dos textos.

(BRASIL, 2011, p. 29)

Composição da unidade

UNIDADE 4
(1ª série – p. 272-356)

CAPÍTULO 10
O artigo de opinião

CAPÍTULO 11
O editorial de jornal e de revista

CAPÍTULO 12
A carta de leitor

TEXTOS	SEÇÕES
<p>Texto 1 – <i>Noite de reis</i> Editorial do jornal <i>O povo</i>, de Fortaleza, 6/1/2009.</p>	<p>Para entender o texto As palavras no contexto Gramática textual - O editorial</p>
<p>Texto 2 – <i>Sermão vigésimo sétimo</i> Padre Antônio Vieira Sermões. São Paulo: Cultrix, 1981.p.57-60.</p> <p>Texto 3 – <i>Sermão do mandato</i> Padre Antônio Vieira Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/vieira.htm. Acesso em: mar. 2009.</p>	<p>Literatura - teoria e história</p>
<p>-----</p>	<p>Linguagem oral</p>
<p>-----</p>	<p>Língua - análise e reflexão</p>
<p>Texto 4 – <i>José</i> Carlos Drummond de Andrade <i>Obra completa</i>. 2. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p.130.</p>	<p>Prática de linguagem</p>
<p>Texto 5 – Editorial Luis Pellegrini <i>Revista Planeta</i>. São Paulo: Três, mar. 2009. p.4.</p>	<p>Produção escrita</p>

Produção escrita

» O editorial

Professor(a), durante a leitura, comente alguns recursos de linguagem: o sentido da palavra *anátema* (anátema é uma sentença ou expressão que traduz uma "maldição" ou repreensão) e de outras que não são conhecidas dos alunos (estimule-os a consultar o dicionário); o uso das aspas no texto; o neologismo *sexygênários* e a expressão "dobrar o Cabo da Boa Esperança etária" são exemplos desses recursos de linguagem. Vale a pena analisar o uso de figuras de linguagem — sobretudo metáforas —, que criam interessantes efeitos de sentido e se prestam à argumentação.

Texto 5

Na seção "Gramática textual", estudamos as características de um editorial. A seguir você vai conhecer um editorial publicado na revista *Planeta*. Ao ler o texto, tente verificar se ele é predominantemente argumentativo ou se apenas apresenta explicações sobre o conteúdo da revista.

Editorial

Luis Pellegrini

Velhice não é doença. Assim começa a matéria "A Revolução dos Sessentões", neste número. Parece incrível que essa verdade óbvia tenha de ser repetida com destaque. Mas, nos tempos atuais, de hipervalorização dos atributos e das esperanças ligados à juventude, reafirmar que velhice não é doença pode ser não apenas coisa necessária como útil.

Nossa civilização moderna exalta de tal modo a juventude que ninguém hoje quer ficar velho e todos (ou pelo menos a grande maioria) fazem tudo o que podem — e também o que não poderiam — para manter-se jovem, pelo menos na aparência física. Vem daí a profusão de clínicas de cirurgia plástica e de academias de *fitness* que nos acenam, em suas propagandas, com a promessa da eterna juventude. No mundo da moda, então, a ditadura do jovem é total: as passarelas dos desfiles são reservadas aos modelos de 20 anos ou

menos, as criações dos estilistas praticamente só levam em conta os corpinhos das lolitas e dos efebos. Como se os que já passaram dos 50 e foram bem além não tivessem necessidade de se vestir — de preferência com bom gosto — e andassem por aí pelados ou enrolados em sacos e lençóis.

Felizmente, como mostra nossa reportagem, a cabeça das pessoas está mudando. Sobretudo entre os idosos. A cada dia, um número maior dos que já dobraram o Cabo da Boa Esperança etária e entraram nas fases dos "enta" decidem proclamar sua liberdade e romper o anátema "está velho, está morto". O fenômeno da valorização da idade avançada e do resgate dos valores inerentes à fase madura da vida corre a galope. São os da terceira e da quarta idade que, hoje, mantêm abertos os hotéis e *resorts* turísticos nas épocas de baixa estação. São eles que dispõem de clínicas e médicos especializados graças aos quais, hoje, "ninguém morre mais", e todos caminham tranquilos para os 80, os 90 e até os 100 desfrutando de uma razoável qualidade de vida.

O que se deve fazer para entrar no cada vez mais numeroso, alegre e ruidoso cordão dos "sexygênários"? Em primeiro lugar, abandonar duas falsas ideias: a de que velhice é doença e a de que só é bom aquilo que é jovem. A seguir, arregaçar as mangas, sair da toca, procurar seus iguais ou semelhantes e se lançar no mundo. Se você for um deles, não perca tempo. Você pode e merece viver intensamente sua vida e seus desejos até o fim.

Revista *Planeta*. São Paulo: Três, mar. 2009. p. 4.



FOTOS: EDITORIA TRÊS/ARQUIVO DA EDITORA



Na seção “Gramática textual”, estudamos as características de um editorial. A seguir você vai conhecer um editorial publicado na revista *Planeta*. Ao ler o texto, tente verificar se ele é predominantemente argumentativo ou se apenas apresenta explicações sobre o conteúdo da revista.

Professor(a), durante a leitura, comente alguns recursos de linguagem: o sentido da palavra *anátema* (anátema é uma sentença ou expressão que traduz uma “maledição” ou repreensão) e de outras que não são conhecidas dos alunos (estimule-os a consultar o dicionário); o uso das aspas no texto; o neologismo *sexygenários* e a expressão “dobrar o Cabo da Boa Esperança etária” são exemplos desses recursos de linguagem. Vale a pena analisar o uso de figuras de linguagem — sobretudo metáforas —, que criam interessantes efeitos de sentido e se prestam à argumentação.

va ligados à juventude, realidade que vem se tornando cada vez mais comum. A doença pode ser não apenas coisa necessária como útil.

Nossa civilização moderna exalta de tal modo a juventude que ninguém hoje quer ficar velho e todos (ou pelo menos a grande maioria) fazem tudo o que podem — e também o que não poderiam — para manter-se jovem, pelo menos na aparência física. Vem daí a profusão de clínicas de cirurgia plástica e de academias de *fitness* que nos acenam, em suas propagandas, com a promessa da eterna juventude. No mundo da moda, então, a ditadura do jovem é total: as passarelas dos desfiles são reservadas aos modelos de 20 anos ou

de 80 anos. A cada dia, um número maior dos que já dobraram o Cabo da Boa Esperança etária e entraram nas fases dos “enta” decidem proclamar sua liberdade e romper o anátema “está velho, está morto”. O fenômeno da valorização da idade avançada e do resgate dos valores inerentes à fase madura da vida corre a galope. São os da terceira e da quarta idade que, hoje, mantêm abertos os hotéis e *resorts* turísticos nas épocas de baixa estação. São eles que dispõem de clínicas e médicos especializados graças aos quais, hoje, “ninguém morre mais”, e todos caminham tranquilos para os 80, os 90 e até os 100 desfrutando de uma razoável qualidade de vida.

O que se deve fazer para entrar no cada vez mais numeroso, alegre e ruidoso cordão dos “sexygenários”? Em primeiro lugar, abandonar duas falsas ideias: a de que velhice é doença e a de que só é bom aquilo que é jovem. A seguir, arregaçar as mangas, sair da toca, procurar seus iguais ou semelhantes e se lançar no mundo. Se você for um deles, não perca tempo. Você pode e merece viver intensamente sua vida e seus desejos até o fim.

Revista *Planeta*. São Paulo: Três, mar. 2009. p. 4.



1 O texto do editorial é argumentativo ou apresenta apenas explicações sobre o conteúdo da revista? Justifique sua opinião no caderno.

Ele é argumentativo. O autor utiliza a velhice como tema e argumenta em favor da tese "Velhice não é doença."

2 Vimos que, nas revistas, em geral, o editorial costuma apresentar o conteúdo das reportagens e matérias jornalísticas publicadas.

a) De que maneira esse editorial realiza esse objetivo?

Com base no conteúdo de uma das matérias, o diretor de redação traz à discussão o tema da velhice.

b) O autor do editorial é Luis Pellegrini, diretor de redação da revista *Planeta*. Você acha que, em seu texto, as opiniões que ele defende são exclusivamente pessoais ou devem representar a posição dessa publicação em relação ao assunto tratado? Por quê?

Professorial, espera-se que os alunos percebam que, por ser um editorial, as opiniões expressas traduzem a posição da revista sobre o tema — embora possam coincidir com as opiniões do próprio autor.

3 A exemplificação é utilizada pelo autor para falar do tema da velhice. Em sua opinião, quais exemplos citados por Pellegrini melhor ilustram o que ele afirma a respeito desse tema? Por quê?

4 A classe vai concentrar-se na leitura dos artigos de opinião escritos por vocês na atividade da seção "Produção escrita" do capítulo anterior.

a) Para facilitar essa leitura, numa das paredes da sala de aula organizem um mural e exponham esses textos. A classe inteira poderá ler os artigos num dia combinado com o(a) professor(a), que vai ajudá-los nessa tarefa.

b) Desafio para a turma toda: supondo que esses artigos de opinião fossem reunidos e constituíssem uma revista ou jornal da classe, como seria o **editorial** dessa publicação?

c) Pensem nessa questão e, com base no que sabem sobre editorial, produzam coletivamente o editorial dessa publicação constituída pelos artigos de opinião da classe. Contem com o(a) professor(a) para ajudá-los nessa tarefa.

d) Quando o editorial estiver redigido, releiam-no e verifiquem se é necessário fazer alguma modificação. Esse será o editorial do **Suplemento de opiniões** que a classe vai produzir no final desta unidade.

medida que auxiliar na escrita do editorial, aponte os problemas que surgirem. Conduza essa atividade coletiva: escreva na lousa o que a classe for dizendo, até a finalização do texto. Um ou alguns alunos podem ser "escritas" da classe, registrando no caderno o texto que for sendo produzido na lousa. Sobre a reescrita coletiva de textos, consulte o Manual do Professor.

Para ir mais longe

Grande parte das emissoras de televisão no Brasil apresenta programas religiosos de diversas crenças, com a transmissão de cultos e da missa, cerimônia católica, esta já tradicional há bastante tempo no rádio primeiramente e depois na televisão.

Nesses programas, os líderes religiosos (padres, pastores, autoridades religiosas, etc.) proferem o que poderíamos chamar de **sermão eletrônico**, ou seja, o sermão transmitido por meio eletrônico.



→ Culto de representante da Igreja Mundial do Poder de Deus transmitido pela RedeTV! e pela Rede Bandeirantes, em 15 jan. 2009.



→ Missa em louvor de Nossa Senhora Aparecida transmitida pela Rede Aparecida (canal 36 UHF) em 15 nov. 2009.

Esse tipo de transmissão midiática conquista elevados índices de audiência.

Reúna-se com alguns colegas para estudar alguns desses sermões eletrônicos. Observem os recursos de linguagem e outros que são utilizados para construir a argumentação e a persuasão.

No final desse estudo, compartilhem com os demais colegas os resultados. Não deixem de fazer um registro das conclusões a que a classe chegar. *Professorial, se possível, grave um ou dois sermões de líderes de crenças diferentes. Consulte o Manual do Professor para mais orientações.*

4 A classe vai concentrar-se na leitura dos artigos de opinião escritos por vocês na atividade da seção “Produção escrita” do capítulo anterior.

a) Para facilitar essa leitura, numa das paredes da sala de aula organizem um mural e exponham esses textos. A classe inteira poderá ler os artigos num dia combinado com o(a) professor(a), que vai ajudá-los nessa tarefa.

b) Desafio para a turma toda: supondo que esses artigos de opinião fossem reunidos e constituissem uma revista ou jornal da classe, como seria o **editorial** dessa publicação?

c) Pensem nessa questão e, com base no que sabem sobre editorial, produzam coletivamente o editorial dessa publicação constituída pelos artigos de opinião da classe. Contem com o(a) professor(a) para ajudá-los nessa tarefa.

d) Quando o editorial estiver redigido, releiam-no e verifiquem se é necessário fazer alguma modificação. Esse

será o editorial do *Suplemento de opiniões* que a classe vai produzir no final desta unidade.

medida que auxiliar na escrita do editorial, aponte os problemas que surgirem. Conduza essa atividade coletiva: escreva na lousa o que a classe for dizendo, até a finalização do texto. Um ou alguns alunos podem ser “escribas” da classe, registrando no caderno o texto que for sendo produzido na lousa. Sobre a reescrita coletiva de textos, consulte o Manual do Professor.

Para ir mais longe

Grande parte das emissoras de televisão no Brasil apresenta programas religiosos de diversas crenças, com a transmissão de cultos e da missa, cerimônia católica, esta já tradicional há bastante tempo no rádio primeiramente e depois na televisão.

Nesses programas, os líderes religiosos (padres, pastores, autoridades religiosas, etc.) proferem o que poderíamos chamar de **sermão eletrônico**, ou seja, o sermão transmitido por meio eletrônico.



→ Culto de representante da Igreja Mundial do Poder de Deus transmitido pela RedeTV! e pela Rede Bandeirantes, em 15 jan. 2009.



→ Missa em louvor de Nossa Senhora Aparecida transmitida pela Rede Aparecida (canal 36 UHF) em 15 nov. 2009.

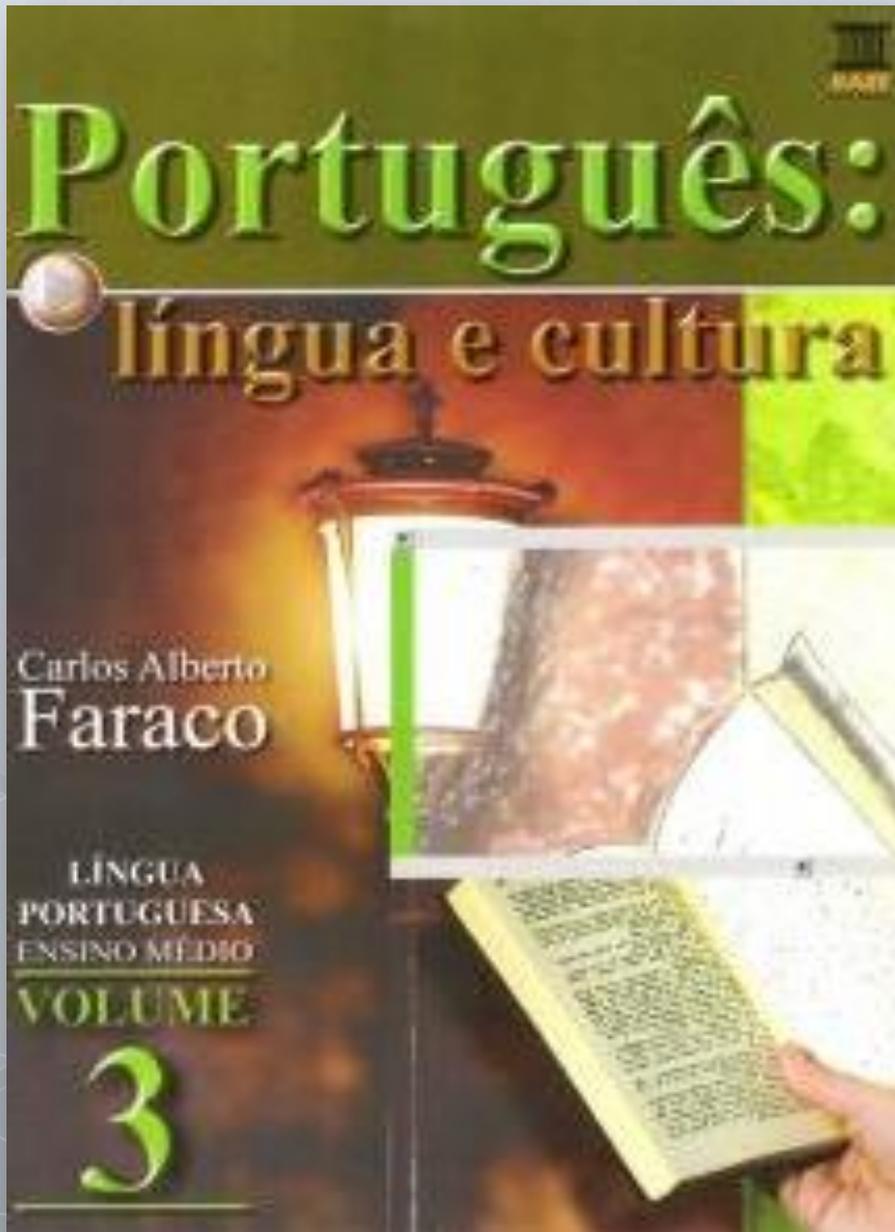
Esse tipo de transmissão midiática conquista elevados índices de audiência.

Reúna-se com alguns colegas para estudar alguns desses sermões eletrônicos. Observem os recursos de linguagem e outros que são utilizados para construir a argumentação e a persuasão.

No final desse estudo, compartilhem com os demais colegas os resultados. Não deixem de fazer um registro das conclusões a que a classe chegar. *Professor(a), se possível, grave um ou dois sermões de líderes de crenças diferentes. Consulte o Manual do Professor para mais orientações.*

Autoria e estilo didático

- A atividade foca a escrita como processo, levando o aluno a planejar e rever seu texto. Vale o processo.
- Aprender a escrever inclui aprender processos cognitivos, há uma supervalorização no conteúdo.
- Os conhecimentos linguísticos e discursivos ficam fragmentados, de modo que o aluno aprende as partes do texto e não o processo de articulação da escrita de um texto argumentativo.
- O foco recai na opinião, mas os processos de composição textual na micro e macroestrutura do texto não são explorados.



Resenha PNLD 2012

Esta é uma coleção que aborda a língua e a linguagem numa perspectiva sociinteracionista [...]. O eixo da produção de textos propõe a escrita de gêneros ou tipos textuais mobilizados nos processos de compreensão e análise desenvolvidos pelas propostas de leitura.

(BRASIL, 2011, p. 77)

Sequência didática

		SEQUÊNCIA DIDÁTICA	TEXTOS
CAPÍTULO 25 Textos de opinião: editoriais	(Abertura)		Detalhe da pintura de Kasimir Malevich, <i>Um inglês em Moscou</i> , (1914).
	Definição do texto de opinião Textos de opinião que circulam em jornal Definição de editorial		Explicação do autor Manual de Redação da <i>Folha de S. Paulo</i>
	Texto 1 – editorial Estudo do texto		Entre cães e homens <i>Folha de S. Paulo</i> , 19/09/02, p. A2
	Texto 2 – artigo de opinião		Crianças e cães malcriados dão quase na mesma Bárbara Gância <i>Folha de S. Paulo</i> , 27/09/02, p.C2.
	Prática escrita		Carta ao jornal
	Opinião com assinatura		Verbete “opiniões” Manual <i>O Estado de S. Paulo</i>
	Texto 3 – artigo de opinião		O ‘idion’ e o ‘idiotes’, Leandro Konder jbonline.terra 7/9/02
	Pausa poética		Muitas vezes
	De olho na língua		Uso dos pronomes e da elipse Uso do infinitivo flexionado Articulação argumentativa Revisando a crase
	Observando aspectos gráficos		Hífen, parênteses

Textos de opinião: editoriais



KASIMIR MALEVICH (1878-1935). *Um inglês em Moscou, 1914. Claro sobre tela. 57 x 88. Stedelijk Museum, Amsterdam. Detalhe.*

Capítulo 25

Analisamos, nos capítulos 14 e 15, alguns textos de informação. Vamos, agora, dar atenção a um outro tipo de texto bastante freqüente: o **texto de opinião**. Diferente do texto que informa (que transmite dados, que relata fatos), o texto de opinião, como diz o próprio nome, é aquele em que o autor **expõe e defende um ponto de vista**.

Claro, a informação não desaparece do texto de opinião. Ao contrário, ela é até indispensável: não há opinião pura; a opinião é sempre **sobre** um assunto ou **sobre** um acontecimento. Nesses textos, a informação entra, então, a serviço da opinião.

Num jornal, vamos encontrar vários tipos diferentes de textos de opinião. Um deles é o **editorial**. Trata-se de um texto não assinado, por apresentar a opinião do jornal e não de alguma pessoa determinada.

Veja o que diz o *Manual de redação* do jornal *Folha de S. Paulo* a respeito do editorial (p. 64):

editorial – Texto que expressa a opinião de um jornal. Na *Folha*, seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar as opiniões opostas e concluir condensando a posição adotada pela *Folha*.

Vale a pena discutir um pouco essa caracterização do editorial. Ela nos ajuda a perceber certas propriedades do texto de opinião. Lembre-se de que o objetivo primordial de um texto de opinião é **conquistar o leitor** para o ponto de vista que estamos defendendo; é convencê-lo da justeza do nosso ponto de vista.

O *Manual* recomenda que o texto do editorial seja, ao mesmo tempo, **enfático e equilibrado**. Que razões poderíamos dar para justificar que um texto de opinião tenha essas duas características?

- a) Dissemos antes que o texto de opinião precisa da informação. Ela será elemento básico, por exemplo, para situar o leitor a respeito do que se vai opinar. O que diz sobre isso o *Manual*?

- b) Num texto de opinião, não basta fazermos afirmações. Temos necessariamente de apresentar **os argumentos** que dão sustento às nossas afirmações. O slogan do bom texto de opinião é: **Afirmar e sustentar!**

O *Manual*, obviamente, deixa isso claro (*desenvolver os argumentos*). Ao mesmo tempo, acrescenta duas recomendações sobre o processo argumentativo:

- 1.^a *refutar as opiniões opostas;*
 - 2.^a *evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação.*
- Que razões poderíamos dar para essas duas recomendações?
 - Ou, perguntando de outra forma: Por que um texto de opinião deve refutar as opiniões opostas? Por que devemos evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação?

TEXTO 1

Para sentirmos mais de perto as características de um texto de opinião, vamos analisar um editorial publicado num jornal de circulação nacional:

ENTRE CÃES E HOMENS

O tema é menor, mas não os princípios que existem por trás dele. A Assembléia Legislativa de São Paulo aprovou projeto de lei que proíbe comercialização, reprodução e importação em todo o Estado de cães das raças pitbull, rottweiler e mastim napolitano, tidas como especialmente agressivas. Para entrar em vigor, o texto precisa da sanção do governador Geraldo Alckmin.

A proposta dos deputados estaduais parece excessiva. É verdade que, no caso dos cães, a raça surge como fator determinante para sua aparência e também para seus comportamentos. Ainda assim, como os humanos, cachorros têm a sua individualidade. Dois cães da mesma raça, da mesma ninhada até, podem apresentar personalidades distintas.

Como os humanos, as características de um cachorro são o produto da interação entre o

potencial genético do animal e o meio em que ele vive. Embora pitbulls tendam a ser agressivos, não há lei natural que impeça a existência de um pitbull dócil ou de um lulu-da-pomerânia agressivo. O caráter de cada animal depende também da educação que recebe.

A Assembléia Legislativa paulista, ao optar por solução radical e terminativa, trilha o caminho da intolerância. Ninguém discorda de que a prioridade é proteger a vida e a integridade de seres humanos, mas a melhor forma de fazê-lo não é condenando essas três raças ao desaparecimento.

O melhor caminho para evitar ataques caninos é responsabilizar os donos pelos atos de seus animais, para o que já existem os instrumentos jurídicos. Cabe fazer cumprí-los.

Folha de S. Paulo, de 19/09/2002, p. A-2.

Analizamos, nos capítulos 14 e 15, alguns textos de informação. Vamos, agora, dar atenção a um outro tipo de texto bastante freqüente: o **texto de opinião**. Diferente do texto que informa (que transmite dados, que relata fatos), o texto de opinião, como diz o próprio nome, é aquele em que o autor **expõe e defende um ponto de vista**.

ENTRE CÃES E HOMENS

O tema é menor, mas não os princípios que existem por trás dele. A Assembléia Legislativa de São Paulo aprovou projeto de lei que proíbe comercialização, reprodução e importação em todo o Estado de cães das raças pitbull, rottweiler e mastim napolitano, tidas como especialmente agressivas. Para entrar em vigor, o texto precisa da sanção do governador Geraldo Alckmin.

A proposta dos deputados estaduais parece excessiva. É verdade que, no caso dos cães, a raça surge como fator determinante para sua aparência e também para seus comportamentos. Ainda assim, como os humanos, cachorros têm a sua individualidade. Dois cães da mesma raça, da mesma ninhada até, podem apresentar personalidades distintas.

Como os humanos, as características de um cachorro são o produto da interação entre o

potencial genético do animal e o meio em que ele vive. Embora pitbulls tendam a ser agressivos, não há lei natural que impeça a existência de um pitbull dócil ou de um lulu-da-pomerânia agressivo. O caráter de cada animal depende também da educação que recebe.

A Assembléia Legislativa paulista, ao optar por solução radical e terminativa, trilha o caminho da intolerância. Ninguém discorda de que a prioridade é proteger a vida e a integridade de seres humanos, mas a melhor forma de fazê-lo não é condenando essas três raças ao desaparecimento.

O melhor caminho para evitar ataques caninos é responsabilizar os donos pelos atos de seus animais, para o que já existem os instrumentos jurídicos. Cabe fazer cumpri-los.

Estudo do Texto

1. Vamos analisar, de saída, a opinião expressa no texto e os argumentos que a sustentam:
 - O jornal é favorável ou contrário ao projeto dos deputados paulistas?
 - Que argumentos o jornal apresenta para sustentar sua opinião?
2. Vamos, agora, confrontar o texto que lemos com as recomendações do *Manual*:
 - O editorial apresenta com concisão a questão de que vai tratar? Em que ponto do texto?
 - O editorial é enfático e equilibrado? Demonstre o sim ou o não com exemplos do texto.
 - O editorial refuta as opiniões opostas? Aponte exemplos no texto.
 - O editorial evita o sarcasmo, a interrogação e a exclamação?
 - O editorial conclui condensando a posição adotada pelo jornal? Para verificar isso, responda à pergunta: qual é a posição do jornal sobre o caso?
3. O editorial começa apresentando o fato sobre o qual o jornal vai externar sua opinião (o projeto aprovado pela Assembléia Legislativa de São Paulo). Nada diz sobre os motivos que levaram a Assembléia a aprovar o tal projeto. E não o faz, porque eram bem recentes os episódios em que cães daquelas três raças haviam atacado e ferido pessoas em parques e ruas da cidade. Essa informação era, naquele momento, do conhecimento dos leitores.
4. Há dois momentos em que o editorial compara cães e seres humanos. Qual o objetivo argumentativo de cada comparação?
5. Você concorda com a argumentação e a proposta do editorial? Ou discorda delas? Por quê? – Note que suas concordâncias ou discordâncias podem ser integrais ou parciais.
6. Um aspecto bem interessante a observar neste editorial são os recursos de que o autor se vale para introduzir no texto as opiniões opostas e refutá-las. Voltemos ao segundo parágrafo e vamos seguindo cada passo dado pelo autor em sua argumentação:
 - a) na sentença inicial, o autor emite seu juízo sobre o projeto da Assembléia: *proposta excessiva*. Mas faz isso com uma certa cautela: diz – *parece excessiva*; e não – *é excessiva* (lembre-se do “enfático e equilibrado” do *Manual*);
 - b) a segunda sentença começa com a expressão *é verdade que...* O autor está deixando entrar aqui um argumento comum nesses casos (a raça é fator determinante da aparência e comportamento dos cães), concordando com ele à primeira vista (*é verdade*);
 - c) na terceira sentença, ele vai, contudo, refutar esse argumento. Começa a sentença com a expressão *ainda assim* – ou seja, mesmo concordando com esse argumento (ainda que ele seja verdadeiro), é preciso não esquecer que os cachorros, assim como os humanos, têm sua individualidade. E termina o parágrafo com um fato.
7. Faça, agora, o mesmo tipo de análise nos parágrafos seguintes. Observe, em especial, o uso de *embora* (terceiro parágrafo) e de *ninguém discorda..., mas...* (quarto parágrafo). Discuta a função argumentativa dessas expressões.

Resumindo essa nossa conversa inicial sobre textos de opinião: eles, ao mesmo tempo em que defendem um determinado **ponto de vista** (apresentando os argumentos que lhe dão sustentação), estabelecem um **diálogo** (aberto ou implícito) com opiniões opostas (antecipando possíveis contra-argumentos e tentando refutá-los de antemão).

Em outras palavras: espera-se que, num bom texto argumentativo, seu autor:

- *afirme e sustente*;
- *dialogue com possíveis oponentes*.

Estudo do Texto

1. Vamos analisar, de saída, a opinião expressa no texto e os argumentos que a sustentam:
 - O jornal é favorável ou contrário ao projeto dos deputados paulistas?
 - Que argumentos o jornal apresenta para sustentar sua opinião?
2. Vamos, agora, confrontar o texto que lemos com as recomendações do *Manual*:
 - O editorial apresenta com concisão a questão de que vai tratar? Em que ponto do texto?
 - O editorial é enfático e equilibrado? Demonstre o sim ou o não com exemplos do texto.
 - O editorial refuta as opiniões opostas? Aponte exemplos no texto.
 - O editorial evita o sarcasmo, a interrogação e a exclamação?
 - O editorial conclui condensando a posição adotada pelo jornal? Para verificar isso, responda à pergunta: qual é a posição do jornal sobre o caso?

Contraste o editorial que acabamos de ler com o texto abaixo. Observe que se trata, agora, de um texto assinado:

BARBARA GANCIA

Crianças e cães malcriados dão quase na mesma

Alex Cerveny

Volto a bater na tecla da lei que pretende proibir a criação e a venda de cães pitbull, mastim e rottweiler, que deve ser sancionada (ou não) em breve.

Veja o que diz sobre esse tipo de legislação a professora da Universidade do Kansas Janice Swanson, uma autoridade em comportamento animal: "Alguns governos decidiram que as pessoas não têm responsabilidade, então eles partiram para a proibição. Mas pegar uma raça como alvo e considerar perigosos todos os cães dessa raça é uma injustiça".

Se o que a professora diz é verdade, ao ratificar ou descartar a nova lei, o governador Alckmin estará, na realidade, julgando se a população tem ou não responsabilidade para possuir animais de estimação.

Se você analisar como são educadas as crianças tapuias, especialmente aquelas das classes mais altas, provavelmente

chegará à conclusão de que nós somos exatamente os melhores educadores do mundo. Seja de gente ou de maritacas.

O brazuca costuma tratar o filho como se ele estivesse acima do bem e do mal. Desde a tenra idade, tudo é permitido. Se o guri cola na escola, é aplaudido em casa. Se se mete em confusão com a polícia, os pais são capazes de vender tudo o que têm para livrar a cara dele. Basta ver a quantidade de crianças correndo e gritando livremente nas pizzarias aos domingos para saber que impor limites na infância é um conceito que não nos comove.

Da mesma forma que não sabemos encaminhar para a vida os nossos descendentes, também temos grandes dificuldades com os cães. Veja o exemplo do Labrador. Usado como cão-guia com grande êxito em outros países, no Brasil o Labrador

muitas vezes é agressivo e difícil de adestrar. Isso não pode ser um acidente geográfico. É bem mais provável que a maioria dos labradores desobedientes seja proveniente de canis que não souberam lidar com eles e seus antepassados quando pequenos. Cães são como crianças. Precisam ter limites estabelecidos desde cedo. E, como descendem do lobo, um animal de matilha, eles têm grande apreço pela hierarquia e replicam para que ela lhes seja imposta. A diferença é que os cães desobedientes não são como filhos malcriados, que crescem para usar frases como: "Sabe com quem está falando?". Eles se tornam perigosos.

Não podemos multar os pais que educam mal os filhos, mas, antes de tomar medidas drásticas, que tal começar aplicando multas pesadas nos donos de cães que ferem?

Folha de S. Paulo 27/09/02, p. C-2

Estudo do Texto

Como você pôde observar, o texto escrito por Barbara Gancia trata do mesmo assunto do editorial (a lei que pretende proibir a criação e a venda de cães de determinadas raças). Perguntamos:

- Qual a opinião da autora do texto sobre aquela lei?
- Que argumentos ela apresenta para sustentar sua opinião?

- Algum de seus argumentos coincide com os argumentos que encontramos no editorial?
- Ela dialoga com possíveis oponentes?
- Que diferenças de estilo você nota entre o editorial e o artigo de Barbara Gancia?

(Para fazer essa comparação, lembre-se de dois dados: 1) as recomendações do *Manual* sobre o estilo do editorial e 2) o texto assinado não é um editorial – ele expressa a opinião de uma articulista e não a do jornal).

- Como você se posiciona frente à argumentação da autora: é favorável ou contrário a ela; parcial ou integralmente? Quais são seus argumentos?
- Observe, agora, aspectos da *estruturação do texto*:
 - a autora **abre** o texto (primeiro parágrafo) informando o leitor do assunto sobre o qual vai opinar (= a lei);
 - cita** (segundo parágrafo) a opinião, sobre esse tipo de legislação, de uma especialista em comportamento animal (leis assim surgem porque alguns governos assumem que as pessoas não têm responsabilidade);
 - com base nessa opinião, a autora (terceiro parágrafo) **assenta seu ponto**: o que está em questão na sanção ou não da lei é a (ir)responsabilidade da população para possuir animais de estimação;
 - na seqüência, ela **trabalha essa questão**. Começa por **afirmar** (quarto parágrafo) que não somos bons educadores de nossos filhos nem de nossos animais de estimação;
 - desdobra** (quinto parágrafo) seu ponto de vista sobre a questão da educação dos filhos ("tudo é permitido") e exemplifica;
 - estende** seu raciocínio (sexto parágrafo) para a questão dos cães, dando um exemplo. E conclui o parágrafo apontando a consequência de não se impor limites aos cães quando pequenos: eles se tornam perigosos;
 - encerra** o texto (sétimo parágrafo) propondo uma saída menos drástica do que a lei: responsabilizar os donos dos cães que ferem.



PRÁTICA DE ESCRITA

Antes de ir adiante, vamos fazer dois exercícios de escrita.

- Ponha-se na seguinte situação: você abriu o jornal e leu o editorial e o artigo de Barbara Gancia. Formou sua opinião (favorável ou contrária à tal lei) e decide enviá-la ao jornal como uma **carta**, apoiando um dos textos ou criticando algum dos argumentos utilizados ou, ainda, discordando integralmente da posição do jornal ou da articulista. Algumas observações:
 - As cartas enviadas aos jornais e revistas são **textos de opinião**. Assim, não esqueça que você vai ter de sustentar seu ponto de vista; não basta apenas fazer uma afirmação;
 - Os leitores mandam cartas aos jornais e revistas regularmente e esses veículos costumam ter sempre uma seção para publicá-las. Essas manifestações dos leitores são importantes porque dão indicações, para o veículo e para os demais leitores, de como as pessoas estão pensando sobre determinado assunto e de como estão reagindo ao tratamento que um assunto está recebendo por parte do jornal ou da revista;



PRÁTICA DE ESCRITA

... Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar se
tremor, do inesperado. Estava bem perto da terra, a paisagem
... gritando, ruído gritaria infernal, e salvos correndo para
... nas pedras e jogavam alguma que brilhava ao sol. Os
... a pedras com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração
... Formas, vir o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente
... qualquer coisa de tempo, de inesperado. Estava bem perto
... estava assim. Nos todos gritando, ruído gritaria infernal, e
... o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam
... coisas brilhantes, coisas, das pedras com brilho. Ficamos

Antes de ir adiante, vamos fazer dois exercícios de escrita.

1. Ponha-se na seguinte situação: você abriu o jornal e leu o editorial e o artigo de Barbara Gancia. Formou sua opinião (favorável ou contrária à tal lei) e decide enviá-la ao jornal como uma **carta**, apoiando um dos textos ou criticando algum dos argumentos utilizados ou, ainda, discordando integralmente da posição do jornal ou da articulista.

Algumas observações:

- a) As cartas enviadas aos jornais e revistas são **textos de opinião**. Assim, não esqueça que você vai ter de sustentar seu ponto de vista; não basta apenas fazer uma afirmação;
- b) Os leitores mandam cartas aos jornais e revistas regularmente e esses veículos costumam ter sempre uma seção para publicá-las. Essas manifestações dos leitores são importantes porque dão indicações, para o veículo e para os demais leitores, de como as pessoas estão pensando sobre determinado assunto e de como estão reagindo ao tratamento que um assunto está recebendo por parte do jornal ou da revista;

c) Antes de cada um escrever sua carta, será interessante a turma passar os olhos pela **seção de cartas** de algum jornal ou revista. Você vai observar alguns aspectos interessantes:

- primeiro, que o jornal ou a revista fazem **exigências** para eventualmente publicar uma carta (a razão para isso é óbvia, certo? Em todo caso, discuta com os/as colegas);
- segundo, que as cartas são **curtas e concisas** (o espaço é sempre limitado na imprensa. Nesse sentido, escrever uma carta é um belo exercício para você amadurecer uma característica importante do ato de escrever: concisão, isto é, dizer muito em poucas palavras);
- terceiro, que, algumas vezes, há uma breve resposta a uma carta (o veículo ou o articulista consideram necessária **a réplica**).

2. Nossa sugestão agora é que você selecione, em um jornal ou revista, uma matéria polêmica e envie uma carta à redação com sua opinião sobre ela. Não se esqueça de duas coisas:

- a) A carta tem de ser enviada, como se diz, no calor da hora. Com a rapidez atual das comunicações, os jornais costumam publicar cartas apenas sobre matérias do dia anterior; e as revistas, sobre matérias da última semana.
- b) Não deixe de verificar a seção de cartas, porque eventualmente a sua poderá ser selecionada para publicação.

OPINIÃO COM ASSINATURA

Como vimos, o editorial é um texto não assinado pelo fato de expressar a opinião do jornal como um todo (a opinião da empresa jornalística ou do grupo responsável pela sua edição). Os jornais, em geral, também abrigam **textos de opinião assinados**. São os chamados **artigos** (como o texto que lemos, assinado por Barbara Gancia). Neste caso, a opinião é de uma determinada pessoa e não coincide necessariamente com a opinião do jornal.

Poderíamos, então, perguntar:

Por que um jornal publica artigos assinados que não expressam necessariamente a opinião do jornal?

Veja a resposta dos manuais de dois jornais de circulação nacional:

- a) O *Manual de redação e estilo* de *O Estado de S. Paulo* diz (p. 205), no verbete **Opiniões**:

Para oferecer ao leitor maior diversidade de pontos de vista, o jornal tem críticos, comentaristas, analistas, articulistas, correspondentes e outros que, em textos assinados, poderão expor

- b) Acompanhe, agora, o *Manual da redação* do jornal *Folha de S. Paulo* (p. 47):

pluralismo – Princípio editorial da **Folha**. Numa sociedade complexa, todo fato se presta a interpretações múltiplas, quando não antagônicas. O leitor da **Folha** deve ter assegurado seu direito de acesso a todas elas.

Todas as tendências ideológicas expressivas da sociedade devem estar representadas no jornal.

PAUSA POÉTICA

O filósofo nos disse:

O indivíduo singular é formado socialmente, ele se individualiza na relação com os outros. Sua singularidade (originalidade?) se desenvolve com base na incorporação crítica das experiências alheias, num movimento incessante de ir ao outro para crescer.

Veja, agora, como o poeta Ferreira Gullar trata metaforicamente do tema da formação social do indivíduo singular, da incorporação das experiências alheias:

Muitas vozes

Ferreira Gullar

Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes
arrasta em alarido.
(estamos todos nós
cheios de vozes
que o mais das vezes
mal cabem em nossa voz:

se dizes përa,
acende-se um clarão
um rastilho
de tardes e açúcares
ou
se azul disseres,
pode ser que se agite
o Egeu
em tuas glândulas)
A água que ouviste
num soneto de Rilke
os ínfimos

rumores no capim
o sabor
do hortelã
(essa alegria)
a boca fria
da moça
o maruim
na poça
a hemorragia
da manhã
tudo isso em ti
se deposita
e cala.
Até que de repente
Um susto
ou uma ventania
(que o poema dispara)
chama
esses fósseis à fala.

Meu poema
é um tumulto, um alarido:
basta apurar o ouvido.

GULLAR, Ferreira. *Muitas vozes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DE OLHO NA LÍNGUA

1. USO DOS PRONOMES E DA ELIPSE NA "COSTURA" DO TEXTO

Comentamos em vários momentos do livro que a língua nos oferece com os pronomes (em especial com os pessoais, possessivos e

demonstrativos) um importante recurso de economia expressiva: eles substituem elementos e segmentos já mencionados no texto. Com isso eles nos poupam da repetição e, ao mesmo tempo, participam da "costura" do texto, constituindo uma cadeia de referências internas.

- a) Leia o parágrafo abaixo – retirado do texto *Entre cães e homens* – e identifique oralmente o antecedente dos pronomes em negrito:

O melhor caminho para evitar ataques caninos é responsabilizar os donos pelos atos de seus animais, para o que já existem os instrumentos jurídicos. Cabe fazer cumpri-los.

- b) Faça o mesmo no seguinte trecho – retirado do texto *Crianças e cães malcriados dão quase na mesma*. Note que marcamos em negrito também os pontos em que a autora usa outro recurso (a elipse) cuja função é semelhante à dos pronomes:

Veja o exemplo do Labrador. Usado como cão-guia com grande êxito em outros países, no Brasil o Labrador muitas vezes é agressivo e difícil de adestrar. Isso não pode ser um acidente geográfico. É bem mais provável que a maioria dos Labradores desobedientes seja proveniente de canis que não souberam lidar com eles e seus antepassados quando pequenos. Cães são como crianças. [] Precisam ter limites estabelecidos desde cedo. E, como [] descendem do lobo, um animal de matilha, eles têm grande apreço pela hierarquia e [] suplicam para que ela lhes seja imposta.

- c) Por fim, faça o mesmo nos três parágrafos retirados do texto *O 'ídiom' e o 'ídiotes'*:

Debruçando-se autocriticamente sobre si mesmo, o sujeito que se dispõe a trilhar o caminho do diálogo precisa tentar reexaminar sua inserção em grupos, coletividades, comunidades que eventualmente lhe servem como substitutas da espécie humana (dentro de certos limites, é claro).

[] Precisa verificar, no diálogo, se [] tem sido e [] continua a ser um bom companheiro de partido, um correligionário maduro e consciencioso, um parceiro leal e correto, um colega bem-educado e cordial, ou se às vezes [] tropeça em atitudes intolerantes e fanáticas, em azedumes ou mesquinhas, cultivando mal-entendidos em vez de contribuir para proporcionar esclarecimentos.

[] Precisa, também, de tempos em tempos, observar criticamente a coletividade em que [] está inserido, para ver se ela está proporcionando aos seus integrantes possibilidades concretas de eles combinarem suas respectivas singularidades com meios concretos de uma inserção mais efetiva – mais universal! – no movimento social.

2. USO DO INFINITIVO FLEXIONADO

No Capítulo 22 – no item *Apontamentos sobre o infinitivo flexionado* –, nós discutimos esse fenômeno bastante peculiar do português. Releia aquele item e, depois, justifique os seguintes usos do infinitivo flexionado (assinalados em negrito) que encontramos no texto *O 'ídiom' e o 'ídiotes'*:

O sujeito posto em estado de solidão pode pensar que está desenvolvendo uma reflexão original, profunda, enriquecedora, no entanto pode estar somente emburrecendo, por falta de interlocutores. Vale a pena lembrarmos que os antigos gregos já alertavam para esse risco: no idioma deles o superlativo de 'ídiom' (singular) era 'ídiotes'.

Precisa também, de tempos em tempos, observar criticamente a coletividade em que está inserido, para ver se ela está proporcionando aos seus integrantes possibilidades concretas de eles combinarem suas respectivas



1. USO DOS PRONOMES E DA ELIPSE NA “COSTURA” DO TEXTO

Comentamos em vários momentos do livro que a língua nos oferece com os pronomes (em especial com os pessoais, possessivos e demonstrativos) um importante recurso de economia expressiva: eles substituem elementos e segmentos já mencionados no texto. Com isso eles nos poupam da repetição e, ao mesmo tempo, participam da “costura” do texto, constituindo uma cadeia de referências internas.

- a) Leia o parágrafo abaixo – retirado do texto *Entre cães e homens* – e identifique oralmente o antecedente dos pronomes em negrito:

O melhor caminho para evitar ataques caninos é responsabilizar os donos pelos atos de seus animais, para o que já existem os instrumentos jurídicos. Cabe fazer cumpri-los.

- b) Faça o mesmo no seguinte trecho – retirado do texto *Crianças e cães malcriados dão quase na mesma*. Note que marcamos em negrito também os pontos em que a autora usa outro recurso (a elipse) cuja função é semelhante à dos pronomes:

*Veja o exemplo do labrador. Usado como cão-guia com grande êxito em outros países, no Brasil o labrador muitas vezes é agressivo e difícil de adestrar. **Isso** não pode ser um acidente geográfico. É bem mais provável que a maioria dos labradores desobedientes seja proveniente de canis que não souberam lidar com **eles e seus** antepassados quando pequenos. Cães são como crianças. [] **Precisam** ter limites estabelecidos desde cedo. E, como [] descendem do lobo, um animal de matilha, **eles** têm grande apreço pela hierarquia e [] suplicam para que **ela lhes** seja imposta.*

singularidades com meios concretos de uma inserção mais efetiva – mais universal! – no movimento social. As associações que até certo ponto funcionam como substitutas do gênero humano devem oferecer a seus membros possibilidades concretas de **pensarem e agirem** sem estreitezas ideológicas, na condição de cidadãos do mundo, de representantes da humanidade.

3. ARTICULAÇÃO ARGUMENTATIVA

Releia o seguinte trecho do texto *O 'ídiom' e o 'idiotes'*, prestando especial atenção aos elementos em negrito:

*Querendo ou não, pertencemos **todos** a uma vasta comunidade: o gênero humano. Mas a humanidade é grande demais, não conseguimos enxergá-la. Recorremos, **então**, a comunidades menores, que substituem a espécie humana. **Uns** se integram em (ou se entregam a?) partidos políticos, **outros** a organizações religiosas, **muitos** se contentam em pertencer a um clube de futebol ou a uma escola de samba, **alguns** se definem como sócios de um clube ou membros de uma corporação profissional. Isso pode ser bom ou ruim, dependendo do espírito com que o sujeito vive sua pertinência à “pequena comunidade”: com espaço para a tolerância, o diálogo e o humor.*

Observe que há uma bela seqüência argumentativa aqui:

- o autor faz uma afirmação geral, que vale para **todos**;
- em seguida, ele põe um obstáculo (assinalado pelo **mas**) à afirmação geral: “a humanidade é grande demais”;
- apresenta a consequência (assinalada pelo **então**) do obstáculo: “recorremos a comunidades menores”;
- exemplifica o recurso a comunidades menores, listando várias possibilidades: **uns... outros... muitos... alguns...**
- emite um juízo de valor geral (“pode ser bom ou ruim”) sobre o conjunto dos exemplos (resumidos pelo **isso**). E justifica seu juízo de valor: *será bom ou ruim*, “dependendo do espírito com que o sujeito vive sua pertinência à “pequena comunidade”: com espaço para a tolerância, o diálogo e o humor”.

Analise, agora, juntamente com o/a professor/a e os/as colegas, a seqüência argumentativa de outro parágrafo do mesmo texto:

O indivíduo é o ser singular, tem uma identidade que o distingue de todos os outros, uma personalidade própria (é o que os antigos gregos chamavam de ‘ídiom’). No entanto, esse ‘ídiom’ existe em um constante intercâmbio com os outros, é formado pela sociedade, depende do grupo. Leva um tempão para aprender a andar, a falar; e muito mais tempo ainda para aprender a lutar pela vida, a sobreviver por conta própria. Existe, portanto, em comunidade (o que os antigos gregos chamavam de ‘koinonia’).

4. REVISANDO A CRASE

No capítulo 15, fizemos um estudo da crase. Reveja-o com o/a professor/a e os/as colegas e, em seguida, justifique os usos da crase nas seguintes sentenças dos textos que lemos neste capítulo:

3. ARTICULAÇÃO ARGUMENTATIVA

Releia o seguinte trecho do texto *O 'idion' e o 'idiotes'*, prestando especial atenção aos elementos em negrito:

*Querendo ou não, pertencemos **todos** a uma vasta comunidade: o gênero humano. **Mas** a humanidade é grande demais, não conseguimos enxergá-la. Recorremos, **então**, a comunidades menores, que substituem a espécie humana. **Uns** se integram em (ou se entregam a?) partidos políticos, **outros** a organizações religiosas, **muitos** se contentam em pertencer a um clube de futebol ou a uma escola de samba, **alguns** se definem como sócios de um clube ou membros de uma corporação profissional. **Isso** pode ser bom ou ruim, dependendo do espírito com que o sujeito vive sua pertinência à “pequena comunidade”: com espaço para a tolerância, o diálogo e o humor.*

Observe que há uma bela seqüência argumentativa aqui:

- o autor faz uma afirmação geral, que vale para **todos**;
- *em seguida, ele põe um obstáculo (assinalado pelo **mas**) à afirmação geral: “a humanidade é grande demais”;*
- *apresenta a conseqüência (assinalada pelo **então**) do obstáculo: “recorremos a comunidades menores”;*
- exemplifica o recurso a comunidades menores, listando várias possibilidades: **uns... outros... muitos... alguns...**
- *emite um juízo de valor geral (“pode ser bom ou ruim”) sobre o conjunto dos exemplos (resumidos pelo **isso**). E justifica seu juízo de valor: *será bom ou ruim, “dependendo do espírito com que o sujeito vive sua pertinência à “pequena comunidade”: com espaço para a tolerância, o diálogo e o humor”.**

Analise, agora, juntamente com o/a professor/a e os/as colegas, a seqüência argumentativa de outro parágrafo do mesmo texto:

O indivíduo é o ser singular, tem uma identidade que o distingue de todos os outros, uma personalidade própria (é o que os antigos gregos chamavam de 'idion'). No entanto, esse 'idion' existe em um constante intercâmbio com os outros, é formado pela sociedade, depende do grupo. Leva um tempão para aprender a andar, a falar; e muito mais tempo ainda para aprender a lutar pela vida, a sobreviver por conta própria. Existe, portanto, em comunidade (o que os antigos gregos chamavam de 'koinonia').

Considerações finais

- Segundo as resenhas do Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa/2012: propostas coerentes.
- Posicionamento axiológico dos autores: seleção de textos, comentários e explicações.
- Questões centrais:
 - LDP entendido como objeto de investigação complexo e multifacetado exige pesquisas que atendam à situação sócio-histórica de produção e circulação das coleções.
 - Necessidade de estudos comparativos de períodos diferentes para se compreender como as teorias linguísticas e discursivas marcaram/ marcam o ensino de língua portuguesa.

Origem dialógica e a pedagogia dialógica da gramática: Estilística no ensino da língua russa no curso secundário

A linguagem tem um efeito poderoso nos processos de pensamento de quem a produz. O pensamento criativo, original, exploratório que está em contato com a riqueza e complexidade da vida não pode se desenvolver em um substrato que consiste de formas de linguagem despersonalizadas, clichês, abstratas e livrescas [...]. Em grande parte, o destino ulterior do potencial criativo de um aluno depende da linguagem que ele leva consigo após o curso secundário. E isso é responsabilidade do professor.

BAKHTIN, M. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 42, n. 6, Nov.–Dec. 2004, p. 12–49.

Origem dialógica e a pedagogia dialógica da gramática: Estilística no ensino da língua russa no curso secundário

Atingir o objetivo de ajudar o aluno a assimilar a linguagem viva e criativa do povo, é claro, exige um grande número e variedade de formas e métodos didáticos. [...] o professor precisa fornecer uma orientação flexível e cuidadosa para facilitar o processo de nascimento da linguagem individual do aluno.

BAKHTIN, M. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 42, n. 6, Nov.–Dec. 2004, p. 12–49.